

REVOLUCIONÁRIOS, MÁRTIRES E TERRORISTAS:  
A UTOPIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

## COLEÇÃO COMUNICAÇÃO

---

- *Caminhos cruzados da comunicação (Os): política, economia e cultura*, José Marques de Melo
- *Comunicação e cultura das minorias*, Raquel Paiva; Alexandre Barbalho (orgs.)
- *Comunicação e democracia: problemas & perspectivas*, Wilson Gomes; Rousiley Celi Moreira Maia
- *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?*, Luis Mauro Sá Martino
- *Comunicação e sociedade do espetáculo*, Valdir José de Castro; Cláudio Novaes Coelho
- *Comunicação Mediações Interações*, Lucrecia D'Alessio Ferrara
- *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*, Lucia Santaella
- *Comunicação verbal - Educação vocal - o teatro - fonte e apoio*, Terezinha Nácked Zaratin
- *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*, Lucia Santaella
- *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*, Lucia Santaella
- *Dromocracia cibercultural (A): lógica da vida humana na civilização mediática avançada*, Eugênio Trivinho
- *É preciso salvar a comunicação*, Dominique Wolton
- *Ecologia pluralista da comunicação (A): conectividade, mobilidade e ubiquidade*, Lucia Santaella
- *Escavador de silêncios (O): formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação*, Ciro Marcondes Filho
- *Ética e comunicação organizacional*, Clóvis de Barros Filho (org.)
- *Explorador de abismos (O): Vilém Flusser e o pós-humanismo*, Erick Felinto; Lucia Santaella
- *Futuro da internet (O): em direção a uma ciberdemocracia*, André Lemos; Pierre Lévy
- *História do jornalismo: itinerário crítico, mosaico contextual*, José Marques de Melo
- *História do pensamento comunicacional: cenários e personagens*, José Marques de Melo
- *Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro*, Sérgio Luiz Gadini
- *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, Lucia Santaella
- *Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação*, José Marques de Melo
- *Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação*, Jairo Ferreira; Eduardo Vizer (orgs.)
- *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*, Luis Mauro Sá Martino
- *Midiatização e processos sociais na América Latina*, VV.AA.
- *Mutações no espaço público contemporâneo*, Mauro Wilton; Elizabeth Saad Corrêa (orgs.)
- *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*, Lucia Santaella
- *Observatórios de mídia: olhares da cidadania*, Rogério Christofoletti; Luiz Gonzaga Motta (orgs.)
- *Pensamento Comunicacional Brasileiro: o legado das Ciências Humanas – vol. I – História e sociedade*, José Marques de Melo; Guilherme Moreira Fernandes
- *Pensamento Comunicacional Brasileiro: o legado das Ciências Humanas – vol. II – Cultura e poder*, José Marques de Melo; Guilherme Moreira Fernandes
- *Pensamento Comunicacional Brasileiro: o legado das Ciências Humanas – vol. III – Mídia e consumo*, José Marques de Melo; Guilherme Moreira Fernandes
- *Princípio da razão durante (O): comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo – Tomo I – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho
- *Princípio da razão durante (O): da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea – Tomo II – Nova Teoria da Comunicação III*, Ciro Marcondes Filho
- *Princípio da razão durante (O): diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação – Tomo IV – Nova Teoria da Comunicação III*, Ciro Marcondes Filho
- *Princípio da razão durante (O): o círculo cibernético: o observador e a subjetividade – Tomo III – Nova Teoria da Comunicação III*, Ciro Marcondes Filho
- *Princípio da razão durante (O): o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica – Tomo V – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho
- *Produção social da loucura (A)*, Ciro Marcondes Filho
- *Realidade dos meios de comunicação (A)*, Niklas Luhmann
- *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*, Lucia Santaella; Renata Lemos
- *Regulação das comunicações: história, poder e direitos*, Venício Artur de Lima
- *Revolucionários, mártires e terroristas: a utopia e suas consequências*, Jacques A. Wainberg
- *Rosto e a máquina (O): o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico. Nova Teoria da Comunicação, vol. 1*, Ciro Marcondes Filho
- *Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria*, Ciro Marcondes Filho
- *Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões*, Ciro Marcondes Filho
- *Serpente, a maçã e o holograma (A)*, Norval Baitello Junior
- *Signo da relação (O)*, Cremilda Celeste de Araújo Medina
- *Sistemas públicos de comunicação no mundo*, Coletivo Brasil de Comunicação Social
- *Sociedade tecida pela comunicação (A): técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social*, Bernard Miege
- *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*, José Marques de Melo
- *Teoria e metodologia da comunicação: tendências para o século XXI*, José Marques de Melo
- *Vestígios da travessia: da imprensa à internet – 50 anos de jornalismo*, José Marques de Melo

comunic  
ação

REVOLUCIONÁRIOS, MÁRTIRES E TERRORISTAS:  
A UTOPIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Jacques A. Wainberg



**Direção editorial:** Claudiano Avelino dos Santos  
**Coordenação editorial:** Valdir José de Castro  
**Assistente editorial:** Jacqueline Mendes Fontes  
**Coordenador de revisão:** Tiago José Risi Leme  
**Revisão:** Caio Pereira  
Tarsila Doná  
**Diagramação:** Ana Lúcia Perfoncio  
**Capa:** Marcelo Campanhã  
**Impressão e acabamento:** PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Wainberg, Jacques A.  
Revolucionários, mártires e terroristas: a utopia e suas consequências /  
Jacques A. Wainberg. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Comunicação)

ISBN 978-85-349-4195-2

1. Estado Islâmico - História 2. Fundamentalismo islâmico 3. Mártires 4.  
Perseguição 5. Religião e sociologia I. Título. II. Série.

15-09240

CDD-303.625

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Revolucionários, mártires e terroristas: Sociologia 303.625

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015

---

Rua Francisco Cruz, 229  
04117-091 – São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700 – Fax: (11) 5579-3627  
[www.paulus.com.br](http://www.paulus.com.br)  
[editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-4195-2

# Sumário

---

|  |     |
|--|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                              | 9   |
| 1. A INTERNACIONAL CONSERVADORA.....                 | 29  |
| Literalismo .....                                    | 32  |
| Perseguição.....                                     | 36  |
| Purificação .....                                    | 40  |
| Tensão .....   | 43  |
| Estado islâmico .....                                | 46  |
| 2. A VIOLÊNCIA E O MARTÍRIO .....                    | 53  |
| Culto.....   | 53  |
| Sacrifício .....                                     | 56  |
| Debate .....   | 60  |
| Semelhanças .....                                    | 62  |
| Fervor missionário .....                             | 67  |
| Violência.....                                       | 71  |
| Hinos e <i>slogans</i> .....                         | 72  |
| 3. ENTRE O SONHO E O PESADELO .....                  | 75  |
| Sonhos.....  | 76  |
| Inspiração .....                                     | 80  |
| Califado .....                                       | 88  |
| Aura .....   | 93  |
| Distopia .....                                       | 94  |
| 4. A REVOLTA ARMADA E O ATIVISMO <i>HIPPIE</i> ..... | 97  |
| Plano de ação .....                                  | 97  |
| Chile e Argentina.....                               | 102 |
| Alemanha .....                                       | 107 |

## 6

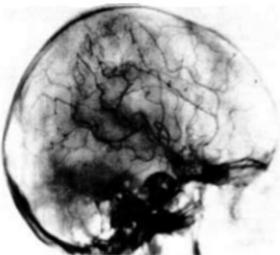
|  |     |
|--|-----|
| Coletivismo .....                                    | 110 |
| Controvérsia.....                                    | 114 |
| Alucinação .....                                     | 118 |
| O legado.....  | 126 |
| 5. AS PROPRIEDADES DE UM TEMPO HEROICO .....         | 131 |
| Radicalidade e emoção.....                           | 131 |
| Sabatianismo .....                                   | 134 |
| Niilismo.....  | 137 |
| Incentivos utópicos.....                             | 140 |
| Arrependimento .....                                 | 143 |
| 6. O DILEMA DO REBELDE: PERSUAÇÃO OU SECTARISMO..... | 147 |
| Vaguidade retórica .....                             | 148 |
| Léxico .....   | 149 |
| Significação.....                                    | 156 |
| 7. AS NARRATIVAS E O CONTÁGIO MENTAL.....            | 159 |
| O herói.....   | 160 |
| Estado mental .....                                  | 162 |
| O papel do jornalismo .....                          | 165 |
| Visão .....  | 170 |
| Darwinismo.....                                      | 173 |
| Entretenimento .....                                 | 175 |
| Simulacro.....                                       | 177 |
| Diferenças.....                                      | 181 |
| Sutileza.....  | 184 |
| A fuga.....  | 186 |
| Os efeitos.....                                      | 188 |
| Metáforas .....                                      | 189 |
| Os dilemas vivenciais.....                           | 195 |
| Comportamento .....                                  | 197 |
| Etopias.....   | 198 |
| 8. OS NOVOS XAMÃS E SUAS OBRAS .....                 | 203 |
| Herbert Marcuse.....                                 | 204 |
| Debray e Sartre .....                                | 207 |
| Bloch .....  | 209 |
| Taymyya e o Wahabismo .....                          | 211 |
| Al-Qurtubi.....                                      | 215 |
| A nova aliança .....                                 | 218 |
| Sinais.....  | 222 |
| O pacto inglês.....                                  | 224 |
| Paradigma.....                                       | 227 |
| O papel da religião.....                             | 230 |

|   |            |
|---|------------|
| 9. OS CRÍTICOS DO PERFECCIONISMO .....              | 235        |
| Realidade .....                                     | 239        |
| Direitos humanos .....                              | 243        |
| Apreço .....  | 246        |
| 10. O QUIETISMO PÓS-MODERNO .....                   | 251        |
| Destino .....                                       | 252        |
| Caminhos inesperados.....                           | 258        |
| Guerra de ideias .....                              | 262        |
| Imagens do desejo .....                             | 266        |
| 11. O ZAPATISMO E A ESPERANÇA .....                 | 269        |
| Surpresa.....                                       | 269        |
| Corações e mentes .....                             | 272        |
| Intuição.....                                       | 276        |
| <i>Netwar</i> .....                                 | 280        |
| Laboratório .....                                   | 282        |
| 12. A DECADÊNCIA DO OCIDENTE.....                   | 285        |
| Antimoderno.....                                    | 285        |
| Hanna Arendt e Heidegger.....                       | 288        |
| Hans Jonas, Goethe e Baudelaire .....               | 291        |
| Thomas Mann, Carl Schmitt e Spengler .....          | 294        |
| Ordem de comando.....                               | 299        |
| Fromm e Freud .....                                 | 301        |
| Haldun.....   | 304        |
| 13. A MEMÓRIA TRAUMÁTICA E O LEGADO DO PASSADO..... | 307        |
| Memória e história .....                            | 308        |
| Amnésia .....                                       | 310        |
| Recalque.....                                       | 313        |
| O caso do Brasil .....                              | 317        |
| A vitória dos derrotados .....                      | 320        |
| Autoritarismo .....                                 | 324        |
| Balanço existencial .....                           | 328        |
| O debate dos historiadores.....                     | 333        |
| 14. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                       | 337        |
| Choque.....   | 342        |
| Califado .....                                      | 345        |
| O futuro do futuro .....                            | 349        |
| Combinação.....                                     | 361        |
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>                           | <b>369</b> |



## INTRODUÇÃO

**E**m 2002, soube-se que o psiquiatra da Universidade alemã de Magdeburgo, Bernhard Bogert, mantinha preservado numa jarra guardada num canto de seu escritório o cérebro de Ulrike Meinhof, a jornalista alemã que se convertera na mais famosa militante do grupo de extrema esquerda da Alemanha Federal, a Facção do Exército Vermelho (FEV). Após passar quatro anos presa, a maior parte do tempo em isolamento completo, ela cometeu suicídio em 9 de maio de 1976. Durante cinco anos, o pesquisador estudou o cérebro dessa mulher visando entender por que ela decidira num certo momento de sua vida abandonar suas gêmeas – Bettina e Regine – e uma carreira promissora na imprensa para se tornar uma terrorista capaz de assassinar opositores por razões políticas.



Ao fim e ao cabo desse esforço de investigação, e antes de entregar a jarra às filhas, Bernhardt anunciou que resolvera o mistério do enigma. Modificações patológicas teriam determinado a mudança radical de seu comportamento, sentenciou o médico. Uma cirurgia realizada num vaso sanguíneo atingido por um tumor a teria levado à violência e à radicalização política. Um clipe – que aparece nos raios X da operação realizada em 1962 – seria a causa da transformação.

Era uma má explicação para uma boa indagação. O que aconteceu a Ulrike Meinhof ocorreu também a milhares de outros jovens em boa parte do mundo nas décadas de 1960 e 70 e volta a ocorrer no século XXI nas ações de grupos salafistas que atacam e matam pela ressurreição do califado. Esses militantes islâmicos costumam afirmar através de seus *communiqués* que os “os muçulmanos são os únicos que lutam, agora, contra o sistema”. No Ocidente, já não existem Panteras Vermelhas, nem guerrilhas, nem insurreições populares animadas pela utopia comunista. Dessa tradição rebelde restou certamente, agora, o combate internacional à globalização. Mas a guerra assimétrica animada pelas ideias redencionistas do fundamentalismo islâmico é a que assumiu a herança da violência armada dos grupos que nos anos 1960 lutavam não em nome de Alá, ou da *umma* (a comunidade islâmica mundial), mas do proletariado. Essa incongruência entre o sonhado e o existente tem atraído muitos conversos ao salafismo. O fato tem sido explicado com argumentos que incluem a alienação, a marginalidade social e um desconforto insuportável que esses jovens sentem vivendo numa sociedade cuja máxima é o *laissez-faire*. Corre o argumento de que os grupos salafistas oferecem a eles uma sensação neotribal de pertencimento, de identidade e de disciplina rígida que lhes serve de antídoto à vitimização.

E se fosse possível coletar e examinar o cérebro dos jovens de ambas as gerações e de múltiplas civilizações, os que estiveram nas barricadas dos anos 1960 e os que lutam contra a sociedade liberal em nome dos preceitos islâmicos, o que se teria lá encontrado? Afinal, qual é o diagnóstico para anos de furor, manifestações de

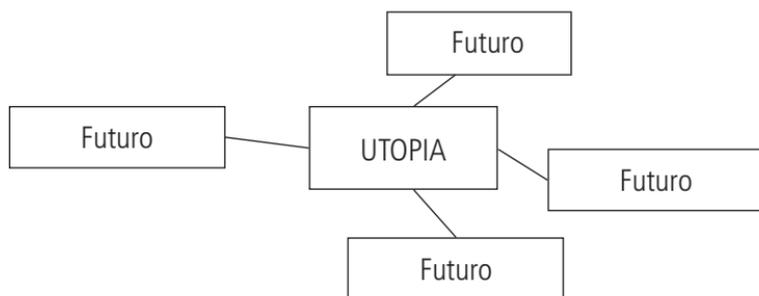
rua, sequestros, quebra-quebra, terrorismo, assassinatos e assaltos realizados por toda essa juventude?

A declaração médica não satisfaz no caso específico de Ulrike Meinhof, como outra explanação médica desse tipo não satisfaria também para explicar o mal-estar geracional de milhares de estudantes universitários daquele tempo e dos novos. No caso de Meinhof, como no de outros cem alemães que atuaram na Facção do Exército Vermelho (FEV), a causa de sua radicalização não foi orgânica – detectável por raio X –, mas “espiritual”. Um mal espiritual que se alastrou nos anos 1960 e 70 por contágio qual uma epidemia, alcançando principalmente os jovens em lugares tão distintos como a Cidade do México, Praga, Varsóvia, Paris, Tóquio, Roma, Montevidéu, Rio de Janeiro, Chicago e Buenos Aires, gerando neles reações violentas variadas. A gangue Baader-Meinhof, como ficou conhecida a FEV, e os demais grupos que atuaram em todas aquelas cidades e em muitas outras foram similares em suas táticas. Muitos entre eles denominavam de revolucionárias suas ações, muito embora cada grupo tivesse queixas e lamúrias distintas para justificar seus ataques e crimes.

Depois que muitos daqueles jovens rebeldes pereceram nas lutas de guerrilha, nos ataques a embaixadas e bancos e nas perseguições policiais, depois que muitos deles saíram das prisões e/ou ainda integraram-se à vida política e cultural de seus países, aquela “deformação” cerebral aparece à luz do dia como uma espécie de ideal mobilizador, uma utopia interpretada ora como mágica, ora como inacabada, ora como perdida e ora ainda como equivocada.

## UTOPISMO

Visando expor esse pano de fundo, faz-se aqui a crônica do utopismo, o dos anos 1960 e o do século XXI. Na sua pregação despontam grupos, indivíduos e movimentos comprometidos com uma espécie de fé no alvorecer de um novo mundo.



Com base nos eventos das décadas de 1960 e 70, é possível afirmar que Marx se equivocou. Seu Manifesto Comunista deveria ter convocado à revolução não os proletários, mas os estudantes. Suas palavras divulgadas em Londres em 1848 levaram 120 anos para ecoar não nas fábricas, mas principalmente nas universidades e nas academias religiosas.



A resenha desses eventos mostra o tom dramático que esta ampla e diversificada disputa ideológica pelo controle do imaginário social assumiu. No Ocidente, se engalinharam na batalha por corações e mentes o liberalismo, o comunismo, o feminismo e o pacifismo, principalmente. O nascimento do movimento ambientalista também ofereceu razões e justificativas para protestos dos críticos ao modelo desenvolvimentista então praticado nos países capitalistas.

Ele derivou em boa medida das manifestações realizadas na França, Suécia, Dinamarca e Holanda contra as centrais nucleares. O nascimento do Clube de Roma em 1968 é sintoma desse mesmo mal-estar. Já no caso da Europa Oriental, o comunismo abortou pela força das armas e dos exércitos o nacionalismo emergente e a democracia liberal que se esboçava na mente da juventude de países como a Tchecoslováquia, Romênia, Estônia e Hungria.

Como se vê, os jovens foram os porta-vozes de um incômodo que atingiu por razões distintas as sociedades de diferentes países. Em cada um deles, havia um ou mais de um tipo de dilema sem solução que acabaria derivando para a violência política. Nos Estados Unidos, por exemplo, o ambiente tornou-se explosivo graças à ameaça concreta que a Guerra do Vietnã passou a oferecer aos estudantes conscritos pelo exército do país. A Guerra Fria chegara ao auge. A disputa ideológica e militar com a União Soviética avizinhou-se perigosamente às fronteiras norte-americanas quando Moscou enviou, em 1962, seus mísseis a Cuba. Para todos, mas especialmente para os jovens, a Guerra Nuclear deixara de ser um cenário de ficção científica, tornando-se o tema central de sua mobilização de protesto.

Esse ambiente tornou-se ainda mais inflamável graças à militância liberal em favor dos direitos civis dos negros. Ela tomou rumos diversos. Numa direção, a pacifista, Martin Luther King comoveu multidões integrando-as ao seu movimento. Noutra – mais violenta e separatista – destacaram-se grupos extremados como os Panteras Negras. Também as mulheres contribuíram para esse clima de crise de valores que se aprofundou com a descrença dos jovens na autoridade da família tradicional. Em setembro de 1968, o movimento feminista ganhou prestígio internacional graças ao seu protesto de uma semana realizado durante o concurso de beleza Miss América.

À época, amplo leque de movimentos contrários ao *establishment* cultural se desenvolveu. Os hippies agrediam com o seu pacifismo militante e com o seu desprezo à sociedade que os educara. A Nova Esquerda norte-americana, por sua vez, enquanto atacava

sem cessar os fundamentos do ideário liberal, mostrava-se profundamente ambivalente em relação ao comunismo russo.

Noutros quadrantes crises similares se alastraram. Na Irlanda do Norte começava a revolta armada contra o domínio britânico na região. O terrorismo político se difundiu também no Oriente Médio quando a Organização para a Libertação da Palestina adotou como estratégia, principalmente a partir de 1968, ações terroristas contra cidadãos de Israel e contra outros alvos em várias partes do mundo, aliando-se com grupos políticos estrangeiros, como é o caso do Baader-Meinhof.

Em março de 1968, após o governo da Polônia banir a apresentação da peça *Dziady*, de Adam Mickiewicz, escrita em 1824, no Teatro Polonês, acusando-a de fazer referências antissoviéticas, os estudantes começaram a protestar na Universidade de Varsóvia. Manifestações também sacudiram Belgrado na primeira cena de rebelião de massa ocorrida no país depois da Segunda Guerra Mundial. Eventos similares ocorreram em Sarajevo, Zagreb e Liubliana. Em 2 de julho de 1968, os estudantes da Universidade de Belgrado começaram uma greve de fome de sete dias em protesto contra as reformas econômicas do governo. Num pronunciamento pela televisão, o ditador Marechal Tito acolheu as demandas dos estudantes, enquanto nas ruas a polícia os perseguia. Nos anos seguintes, e aos poucos, o regime acabaria expulsando da universidade os professores e os alunos rebeldes.

Outro país comunista que entrou em convulsão foi a Tchecoslováquia, invadida na noite de 20 de agosto de 1968 pelos exércitos de cinco países – a União Soviética, a República Democrática Alemã, a República Popular da Polônia, a República Popular da Hungria e a República Popular da Bulgária, países esses – sabe-se hoje – que não eram de fato repúblicas, que não eram democráticos, e cujos governos e sistemas econômicos não eram populares. As reformas liberais adotadas por Alexander Dubcek – conhecidas como a *Primavera de Praga* – representaram uma ameaça suficientemente grave ao Pacto de Varsóvia, que resolveu debelar a agitação com a força das armas.

Também em 1968, no Brasil, a ditadura militar desferiu seu golpe mortal à democracia fechando o parlamento e promulgando o AI-5, dando munição adicional aos opositores do regime, que passaram a incorporar grupos e atores que tinham apoiado o golpe de 1964 – entre eles boa parte da mídia. A primeira manifestação dos estudantes brasileiros ocorreu em 28 de março desse ano, após o secundarista Edson Luís de Lima Souto ser morto pela Polícia Militar num confronto ocorrido no restaurante estudantil Calabouço, no centro do Rio de Janeiro. Tipo similar de tensão foi produzido pelas revoltas estudantis dos jovens espanhóis contra o governo de Francisco Franco, ditadura esta que acabaria sucumbindo com a morte dele em 1975.

Movimentos contra a Guerra do Vietnã começaram a ocorrer em universidades de várias cidades americanas; na Itália, na Universidade Sapienza de Roma; na Grosvenor Square de Londres e no Japão – onde os jovens protestaram contra a presença das bases americanas no país. Essa oposição à Guerra do Vietnã parece ter sido um elo que galvanizou a atenção e o interesse da maioria dos protestos dos jovens em várias partes do mundo.

Enquanto isso, os Jogos Olímpicos que estavam sendo realizados na Cidade do México tornaram-se o palco preferencial de vários atores internacionais para retomar o boicote ao *apartheid* da África do Sul. Por razões distintas, durante todo o verão do ano de 1968, a polícia e os estudantes se enfrentaram nas ruas das cidades mexicanas. A Universidade Nacional Autônoma (UNAM) acabaria invadida e dominada pelo exército. Cerca de uma centena de pessoas acabaria morta pela polícia na Praça de Tlatelolco durante uma demonstração pública. Em várias cidades inglesas novas manifestações tomaram conta das ruas em apoio aos imigrantes que começaram a ser hostilizados por discursos de personalidades públicas contrárias à chegada de estrangeiros ao país. Na Jamaica, a revolta eclodiu em outubro, após ser proibido o retorno de um professor militante do movimento negro à sua cátedra na Universidade das Índias Ocidentais.

## BARRICADAS

É como se os jovens do mundo estivessem se dirigindo ao mesmo tempo às barricadas. Em boa medida, essa reação foi resultado do impacto causado pela transmissão desses eventos pela televisão. O videoteipe permitiu que essas ocorrências fossem vistas por todos quase ao mesmo tempo e numa velocidade que se aproximava da instantaneidade. Tal efeito de contágio das mentes tem sido assinalado por vários remanescentes dessa época. As manifestações de um mês de duração dos estudantes franceses, em maio de 1968, impulsionaram o mimetismo comportamental dos jovens em todo o mundo. Os atores políticos da época logo entenderam o papel social e político da nova tecnologia de comunicação. O importante passou a ser aparecer ou desaparecer da tela dos tele-noticiários. Por isso mesmo, nos casos dos golpes e contragolpes de estado – comuns naquela época, principalmente na América Latina –, tornou-se usual ver tropas armadas dominando, antes do que qualquer outro edifício, as estações de televisão. Os grupos radicais aprenderam também a manipular a linguagem do veículo, oferecendo aos repórteres cinematográficos cenas dramáticas de protesto e violência. Esse foi o caso, por exemplo, do sangrento choque ocorrido em agosto de 1968 entre os manifestantes do Youth International Party – o braço político do movimento hippie liderado por Abbie Hoffman contrário à guerra do Vietnã – e a polícia de Chicago que fazia a segurança da Convenção do Partido Democrata na cidade. No momento em que eram atacados, esses jovens militantes gritavam: “O mundo todo está olhando”. A Guarda Nacional dos Estados Unidos foi mobilizada, e doze pessoas acabaram mortas. A batalha durou cinco dias. As cenas transmitidas pelos telejornais davam a sensação de que os Estados Unidos pegavam fogo.

Os ânimos se inflamaram ainda mais após o assassinato de Martin Luther King Jr., em 4 de abril de 1968. O incidente provocaria novas reações violentas nas ruas de 115 cidades. O fundador dos Panteras Negras diria, na oportunidade: “Agora que eles liquidaram com o Dr. King, é hora de acabar com essa bobagem da não

violência.” Na verdade, a violência já era geral. Os estudantes da Universidade de Colúmbia, no Harlem, invadiram os prédios e paralisaram a instituição. A polícia foi chamada e reagiu prendendo cerca de 700 estudantes e ferindo 150 deles.

Nessa oportunidade surgiram no país os grupos Angry Arts e Black Mask. Este foi fundado em 1966 pelo pintor Ben Morea e pelo poeta Dan Georgakas, que se tornara conhecido através de seu movimento Os Vandalistas Criativos, e graças ao livro *I Do Mind Dying*, no qual relata a história dos movimentos radicais negros envolvidos na luta pelos direitos civis. Em 1968, o grupo anarquista Black Mask tornou-se *underground* e mudou seu nome para Up Against the Wall, Motherfuckers – popularmente referido como os Motherfuckers. Eles se destacaram no cenário da contracultura nova-iorquina. Distribuíam alimentos gratuitos, ajudavam outros radicais militantes e protestavam juntamente com grupamentos maoistas afins, entre eles o Progressive Labor Party. Em 1967, tentaram invadir o Pentágono. Ajudaram a invadir a Universidade de Colúmbia e cortaram as cercas de Woodstock, permitindo que milhares de jovens entrassem no festival de música sem pagar ingresso, entre outras inúmeras ações e atividades que alcançaram repercussão. Muitos desses jovens passaram a viver em comunas coletivas conhecidas então como Armed Love que se espalharam por vários estados americanos.

Eles acabariam influenciando o movimento Weather Underground. Esse grupo atacou de 1969 a 1970 com bombas, produziu tumultos e favoreceu a fuga de presos. Sua primeira demonstração pública ocorreu em 8 de outubro de 1969, com um distúrbio em protesto ao julgamento de Abbie Hoffman, Jerry Rubin, David Dellinger, Tom Hayden, Rennie Davis, John Froines e Lee Wainer, acusados de conspiração e incitação à violência nos eventos já relatados em Chicago. Em 1970, o grupo fez sua declaração de guerra contra o governo dos Estados Unidos. A seguir, começou a atacar prédios governamentais e bancos. Seus comunicados explicavam as razões dos golpes. Foi o caso do ocorrido em 1º de março de 1971, contra o prédio do Congresso americano, em protesto pela

invasão do exército dos Estados Unidos no Laos. O levado a cabo no dia 19 de maio de 1972 contra o Pentágono foi em retaliação ao bombardeio de Hanói.

O Weathermen derivou do Movimento Jovem Revolucionário, um ramo do Movimento Estudantil por uma Sociedade Democrática (SDS). Sua agenda era radical, e o nome do novo grupamento foi encontrado na letra da música *Subterranean Homesick Blues*, de Bob Dylan, que dizia: “*You don’t need a weathermen to know which way the wind blows*”. No manifesto divulgado na convenção do SDS em 1968 – considerado o documento fundador do grupo –, eles se autodefiniram como uma força de combate branca que se aliava ao Movimento Negro de Libertação e outros movimentos radicais que visavam destruir o imperialismo americano e assim alcançar uma sociedade comunista sem classes.

Na França surgiram os “*enragés*”, termo utilizado originalmente para designar os rebeldes da Revolução Francesa. Ele passou a nominar os estudantes da Universidade de Nanterre que se tornaram um dos principais grupos da insurreição francesa de 1968. Os *enragés* eram fortemente influenciados pelas ideias situacionistas que floresceram na França no período de 1957 a 1972. O movimento Internationale Situationiste tinha sido o resultado da fusão do Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginativa – que desejava romper com o estilo de vida e as convenções burguesas – e a Internationale Lettriste, outro movimento constituído por artistas e teóricos radicais que militaram no período de 1952 e 1957 e cujo equivalente americano foi o movimento Beat.

Os *enragés* de 1968 rapidamente cresceram em número e ferocidade. Suas reivindicações passaram das usuais queixas estudantis contra as más condições do *campus* suburbano para protestos generalizados contra a Guerra do Vietnã. Esse conflito no sudeste asiático tornou-se a primeira guerra da era da televisão. Em reação às cenas das batalhas veiculadas em seus telejornais surgiria uma espécie de movimento internacional pacifista cuja militância tornou-se ainda mais vigorosa no mundo após a Campanha do Tet no Vietnã, em janeiro de 1968. Os bombardeios com napalm realizado pelos

aviões dos Estados Unidos adicionaram um elemento de dramaticidade e urgência às demandas dos jovens pelo fim da guerra. Essas bombas incendiaram não só os campos do Vietnã como também o espírito dos protestantes nas ruas das principais capitais do mundo.

A Sorbonne, tomada pelos estudantes, acabaria invadida pela polícia. Um total de seiscentos deles seria preso após longo e violento confronto nas ruas da capital francesa. As palavras de ordem dessa geração passaram a ser “agitar, subverter, debater e revolucionar”. Como nos Estados Unidos, o cenário francês era lúgubre, e a sensação que pairava no ar era de que o país encarava agora uma nova Revolução.

## TERRORISMO

Já o caso alemão foi especialmente grave porque testemunhou junto com a Itália a ação de grupos de extrema-esquerda que decidiram utilizar táticas e ações de terrorismo político no coração da Europa. O que estava em jogo era a profunda descrença de jovens alemães de classe média da nova sociedade que emergia no país após a Segunda Guerra Mundial, em especial de seus valores capitalistas e da aliança estratégica que o governo do país tinha estabelecido com os Estados Unidos. Tal aversão era explicitada em protestos do tipo que ocorreu em Berlim Ocidental quando dez mil estudantes se manifestaram contra o envolvimento americano na Guerra do Vietnã. Pesquisas realizadas na Alemanha nesse período mostravam que entre 10 e 20% da população apoiavam de alguma maneira as ideias da Facção do Exército Vermelho (FEV). O Allensbach Institute, por exemplo, mostrou que um em cada cinco alemães abaixo dos trinta anos expressava à época “alguma simpatia” pelos membros da FEV. Um em cada dez alemães dizia que estaria disposto a dar abrigo a algum membro dessa organização por uma noite.

A Alemanha continuava ocupada por forças estrangeiras e ex-nazistas buscavam espaços na nova burocracia e na vida econômica e política do país. Isso foi interpretado pela nova geração como

demonstração de que pouca coisa havia mudado em sua sociedade. Para eles, o autoritarismo e a hipocrisia continuavam a predominar no país. A divisão política da Alemanha era considerada por eles um fato consumado, o que explica a militância da juventude da Alemanha Ocidental pelo reconhecimento político da Alemanha Oriental.

Esse mesmo mal-estar provocou a ira dos militantes das Células Revolucionárias, conhecidas pelas letras RZ (*Revolutionäre Zellen*, em alemão), responsáveis por 296 ações de guerrilha-urbana praticadas entre 1973 e 1995, entre elas o sequestro de um avião da Air France que se dirigia de Paris a Tel Aviv, realizado em conjunto com a Frente Popular para a Libertação da Palestina. A aeronave foi desviada a Uganda (país então governado pelo ditador Idi Amin), e libertada a seguir por comandos israelenses que atacaram o aeroporto de Entebbe, matando os sequestradores. O antissionismo do RZ (que também marcou a ideologia da FEV e do Exército Vermelho Japonês, o EVJ) e o antijudaísmo de vários de seus membros tornou-se evidente nessa ação quando os passageiros judeus da aeronave sequestrada foram segregados e ameaçados, visando dessa forma exercer mais fortemente a chantagem internacional por suas demandas políticas. Esses mesmos personagens manifestaram também o desejo de assassinar Simon Wisenthal, o famoso caçador de nazistas, e o líder da comunidade judia da Alemanha, Heinz Galbinski.

Esses militantes do RZ eram conhecidos como terroristas de fim de semana, pois de segunda a sexta-feira mesclavam-se à rotina usual de certa comunidade, evitando assim a condição *underground* do FEV. Entre eles estavam ativistas originários do movimento anarquista Autonomem e do feminista Rote Zora. O primeiro foi ativo na década de 1970 nas violentas manifestações que realizou contra as centrais nucleares e contra a construção das pistas de vários aeroportos da Alemanha. O segundo iniciou suas atividades em 1974, ano no qual esse grupo bombardeou a Corte Federal Constitucional alemã de Karlsruhe em protesto a uma lei contrária ao aborto. Depois seus ativistas bombardearam outros alvos: *sex shops*, automóveis de proprietários rurais, a companhia Siemens e a empresa AG

de computadores. Em 1986, tentaram atacar o Instituto Técnico Genético de Berlim. A última ação do grupo ocorreu em 1995.

Na Itália, a facção de extrema-esquerda Brigada Vermelha (BV), fundada por Renato Curcio, um estudante da Universidade de Trento, por sua esposa Mara Cagol e por Alberto Franceschini, expressaria através da radicalidade de seus atos desgosto similar à sociedade capitalista. As universidades italianas começaram a ser invadidas e dominadas por esses estudantes militantes ainda em 1967. O violento choque de 1º de março de 1968, entre esses jovens e a polícia, seria a culminância desse tipo de enfrentamento. Como na Alemanha, havia na Itália um grito de guerra aberto contra o autoritarismo, a corrupção, a estrutura oligárquica da sociedade, em prol dos direitos civis, em favor do divórcio e do aborto, pela saída da Itália da Organização do Atlântico Norte e contra a Igreja Católica.



Mara Cagol



Renato Curcio



Aldo Moro

Essa nova esquerda que partiria à batalha e se envolveria em ações de terrorismo político seria profundamente influenciada pela mensagem de Mao Tse Tung, dos Tupamaros uruguaios, do brasileiro Carlos Marighella, além de outras fontes comunistas de várias partes do mundo. Suas teorias começaram a ser divulgadas em várias publicações, e nelas ficava clara a indisposição do grupo com as instituições europeias então existentes – o parlamentarismo e o sindicalismo, por exemplo. Animavam-lhes o espírito as ações de guerrilha que começavam a ocorrer no Brasil, assim como as violentas manifestações de rebeldia do Black Power e dos Panteras

Negras, como as ocorridas em 1964 nos bairros de Watts, em Los Angeles, e Harlem, em Nova York. Como acontecia em várias partes do mundo, os estudantes italianos sentiram-se como que à frente de um movimento cuja vocação era revolucionária. As greves dos trabalhadores franceses e as barricadas montadas em Paris pelos universitários lhes insuflaram ainda mais o ânimo. A radicalização acabaria dando passos largos no país.

Em 1969, Curcio, Cagol e outros lançaram a proposta do início da luta armada. Esse debate continuou vivo até 1970, quando então a Brigada Vermelha foi criada. Os ativistas da BV, muitos deles originários dos cursos de sociologia e do movimento juvenil comunista, começaram a atacar com bombas em 1970 e a sabotar equipamentos de fábricas como a Fiat, Sit-Siemens, Pirelli entre outras. Os sequestros e os assassinatos de policiais e juízes começaram em 1974. Em 1978, após 55 dias de cativeiro, mataram Aldo Moro, o líder político da Democracia Cristã que fora cinco vezes primeiro-ministro do país. O fato transformou-se num *turning point* e decretou o início do fim dos brigadistas.

O desprestígio do grupo aumentou e em 1980 cerca de doze mil brigadistas acabariam presos pela polícia. Outros trezentos fugiram para a França e duzentos, para a América do Sul. Em 1984, a BV – que estava dividida entre sua facção Partido Comunista Combatente e a União de Comunistas Combatentes – seria finalmente desarticulada pelas autoridades italianas. Em 1988, a organização oficialmente se dissolveu após ter realizado 14 mil atos de terror e 75 assassinatos por razões políticas em seus dez anos de atividade. Nesse período contou com apoio estratégico dos órgãos de segurança (StB) da então existente Tchecoslováquia, da Organização para a Libertação da Palestina e da União Soviética. Todos eles forneceram apoio logístico, treinamento, armas e explosivos que lhes chegavam às mãos através de traficantes de heroína. Essa tradição de militância política radical ainda persistia na Itália em 1990. Quinze membros de uma nova geração da Brigada Vermelha – nove deles trabalhando num dos mais importantes sindicatos do país (o CGIL) – foram presos naquele ano.

## MAL-ESTAR

Também no Japão atuaria nessa mesma época outra versão desse mesmo tipo de exército de jovens universitários dedicados à construção pela força da sociedade comunista imaginada por eles como redentora. O Exército Vermelho Japonês (EVJ) atacaria delegacias de polícia e, bancos, e após a fuga de seus dirigentes ao Líbano, alvos civis também foram visados. O ato terrorista realizado por três de seus militantes no aeroporto de Tel Aviv mataria 24 pessoas e tornaria o grupo mundialmente conhecido. Outras 71 ficaram feridas. A operação foi realizada por Kozo Okamoto (recrutado pelo EVJ quando tinha 24 anos), Yasuyuki Yasuda e Tsuyoshi Okudaura. Okamoto seria preso e passaria muitos anos na prisão em Israel sendo depois enviado ao Líbano, onde se converteu ao islamismo. Yasuda foi morto na operação, e Okadaura cometeu suicídio após o ataque.

A FEV agiria depois em várias outras partes do mundo, invadindo embaixadas e sequestrando aviões. Atuaram em Kuala Lumpur (Malásia), Dacca (Bangladesh), Romênia, Peru, Coreia do Norte, Estados Unidos, Itália e Bolívia, entre outros países.

Como mencionado, sua militância foi igualmente universitária. O Partido Comunista Japonês foi capaz de controlar e organizar o movimento estudantil logo após o término da Segunda Guerra Mundial. O discurso rebelde da federação das entidades estudantis valeu-se dos motivos oferecidos pelo ambiente conflituoso da Guerra Fria. A já referida oposição dos jovens ao acordo de segurança firmado entre o Japão e os Estados Unidos – que permitiu a presença de tropas norte-americanas no país oriental – gerou um mal-estar político, dando visibilidade à prolongada ocupação do Japão. Os grupos de esquerda recrutavam a maioria de seus militantes entre os alunos das 56 instituições de ensino superior da capital e em especial da Universidade de Tóquio. Esses jovens se autodefiniam como a vanguarda da luta proletária revolucionária. A influência exercida pela União Soviética sobre os mesmos tornava-se mais visível toda vez que as divergências e o faccionismo dos grupos ameaçavam a

unidade e a meta política comum que buscava abalar a autoridade governamental do país e a dos seus aliados americanos. Como era comum na esquerda mundial, as divisões entre grupos e subgrupos eram intensas igualmente no Japão. Por exemplo, os jovens da Universidade de Tóquio criaram – à semelhança dos americanos – também uma Nova Esquerda marxista que se distanciou do Partido comunista na década de 1960. Algo similar tinha acontecido ainda na década anterior com o rompimento dos trotskistas. As manifestações de protesto desses grupos geralmente eram violentas – os jovens vinham protegidos com capacetes e armados com porretes para enfrentar a polícia.

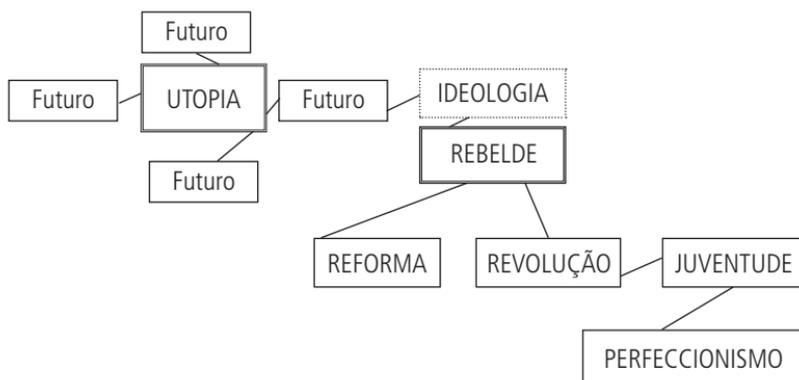


Militantes do EVJ sendo julgados no Líbano em 1997



Kozo Okamoto

Os mais radicalizados entre eles acabariam fundando o EVJ em 1969. A ação dos estimados trinta a cem militantes tornou-se secreta e militarizada. Ao se tornarem um bando *underground*, o EVJ começou a preparar em casas de particulares suas bombas. No Japão, os militantes da EVJ realizaram dezessete ataques contra corporações, matando e ferindo inúmeras pessoas. Campos de treinamento foram escolhidos na Coreia do Norte após a polícia japonesa prender 53 de seus militantes que treinavam numa montanha próxima a Tóquio. Os quatro que retornaram em 2000 de seu exílio no Líbano acabaram presos e julgados no Japão. Em 2001, o EVJ anunciou que se dispersaria e cessaria suas atividades terroristas.

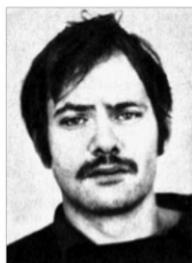


Aos olhos de todos esses pequenos grupos que se converteram ao terrorismo, a saída para esse tipo de crise sistêmica do capitalismo era o socialismo. Naquele tempo, esse termo galvanizava paixões, muito embora a própria ideia socialista então acalentada fosse pouco precisa. Já havia sinais na época da crise profunda que abateria a experiência comunista nos anos 1990. O stalinismo tinha representado o primeiro baque contra as esperanças libertadoras dessa geração, em especial após as denúncias e autocrítica que Nikita Krushchev fez em seu famoso discurso de 1956. Mesmo assim, o Partido Comunista Italiano continuou sendo um dos mais fortes da Europa. Nesse continente, igualmente, militavam com vigor os partidos comunistas da França, Grécia e de Portugal, entre outros países. Muitos intelectuais continuaram não só a divulgar nos anos 1960 as máximas marxistas como a difundir a aura que cercara a fase heroica da revolução de 1917 na Rússia. Era-lhes muito difícil abandonar o sonho. Costumavam perdoar erros cometidos pelos dirigentes comunistas com a justificativa de que eram meros desvios de uma longa jornada que visava em última instância restaurar a dignidade humana. Por exemplo, Jean Paul Sartre não escondeu sua simpatia pelo líder da FEV, Andreas Baader, que à época fazia uma greve de fome na prisão. Após visitá-lo na companhia de Daniel Cohn-Bendit (que lhe serviu de intérprete) escreveu e publicou no jornal *Libération* seu texto-manifesto cujo título era “A lenta morte de Andreas Baader”. Denuncia as condições de sua cela – a

falta de som que o isolamento produzia, por exemplo – e manifesta sua simpatia por “qualquer grupo de esquerda em perigo”. Nesse período Sartre era um simpatizante da União Soviética e do campo comunista. Mais tarde se alia a jovens maoistas liderados por Benny Lévy, um estudante da Sorbone emigrado do Egito.

## OCASO

A debacle do comunismo como experiência política só ocorreria plenamente a partir de 1989, quando ruiu o muro de Berlim e, com ele, simbolicamente, o que agora se denomina de “socialismo real”. Até então, os ideais revolucionários resistiram cativando uma boa parcela da juventude do mundo que se opôs durante todo este tempo não só ao liberalismo, mas também às potências que o representavam, em especial os Estados Unidos. A utopia socialista levaria também Michel Foucault a apoiar os militantes da Baader Meinhof. Mais tarde o filósofo francês apoiaria a revolução islâmica do Irã. Mas, a partir dos anos 1980, os sonhos dos anos 1960 começaram a “esfriar”.



Andreas Baader



Fidel Castro

Pouco antes de morrer, o próprio Sartre não escondeu sua decepção com o regime cubano, tornando-se por isso inimigo de Fidel Castro. Nesses vinte anos os países comunistas tinham tentado superar sem sucesso seu atraso na disputa que mantinham com o capitalismo, em especial nos campos da economia, da ciência, da educação e do progresso social. No Ocidente, experiências políticas

e ideologias híbridas tinham emergido, entre elas a do Estado de Bem-Estar Social. A Terceira Via marcou o ideário do Novo Trabalhismo inglês no período da liderança de Tony Blair a partir de 1994. Seu principal ideólogo foi Anthony Giddens. De um lado, a Terceira Via recusou o paternalismo e o estatismo que tinham caracterizado as ideologias esquerdistas tradicionais até então. Do outro, evitou as políticas que enfatizavam a responsabilidade individual. Esse tipo de ideologia que encantou uma parcela da nova juventude dos anos 1990 marcaria igualmente o ideário do Partido Social Democrata alemão. Nesse novo ambiente que sucedeu o extremismo dos anos 1960, autores e suas obras divulgavam alternativas ideológicas que agora davam ênfase a temas como o ambientalismo e o feminismo. A fuga ao Ocidente de dissidentes russos, alguns deles carregando documentos que comprovavam a intervenção de Moscou em assuntos internos de praticamente todos os países do mundo, inclusive o Brasil (Andrew; Mitrokhin, 2005), revelou a complexidade da disputa que a União Soviética e os Estados Unidos tinham mantido desde a Segunda Guerra Mundial. Foi mais um fator que contribuiu para a falência da argumentação radicalizada da esquerda que desconsiderava em suas críticas a atuação imperial da União Soviética, inclusive em países como o Chile no período do governo de Salvador Allende.

A opção pela violência política exercida por esses pequenos grupos de militantes marxistas tornou-se indigesta para a maioria dos jovens do Ocidente a partir da década de 1990. Passou a predominar entre eles a sensação de exaustão para com discursos utópicos. Até os anos 1980, ainda era comum a divulgação de panfletos recheados de gritos revolucionários. Exemplo é o documento do Centro de Estudos Socialistas (1969, p. 14). Ele dizia que “a crise universal da qual somos hoje testemunhas e vítimas nos faz retornar à utopia como a única solução que resta à humanidade da ameaça da aniquilação. A nova utopia será feita de teoria e de imaginação, de cálculo e de invenção, do velho e do novo”. Não por acaso também naquela época as ruas de Paris eram pintadas com grafites clamando “Utopia agora. O sonho é que é real”. Autores como Albert

Camus, Seymour Martin Lipset, Daniel Bell e Francis Fukuyama expressaram em diferentes períodos o sentimento de cansaço com esse tipo de retórica vaga, embora comovente. O dissidente polaco Leszek Kolakowski, falecido em 2009, diria, por exemplo, que o stalinismo não foi uma aberração, mas a inevitável consequência da busca pela utopia comunista.